



BOLETIM
INFORMATIVO
DO CURSO DE
GEOGRAFIA
UESC - ILHÉUS -
BAHIA
ANO II - Nº 4
ABRIL/MAIO
DE 2002

Geografia ao alcance de quase todos

Este texto destina-se aos estudantes das escolas de Ilhéus e Itabuna e às pessoas que, por curiosidade ou por necessidade, sentem prazer em conhecer e explorar o espaço geográfico, que tem nos mapas uma forma privilegiada de apresentação.

O objetivo principal deste texto é, particularmente, ampliar o conhecimento geográfico das crianças e dos jovens de Ilhéus e Itabuna sobre o ambiente em que vivem, sobre suas cidades, sobre o bairro em que moram. E, um segundo objetivo, é ampliar o conhecimento dos estudantes da Geografia, em especial dos mapas. Sob este aspecto, pretende-se responder a questão da utilidade e relevância da Geografia hoje. Afinal, para que serve a Geografia? Este texto tenta ser uma resposta prática a essa questão. E a resultante esperada é que as pessoas que habitam esses espaços e compõem as comunidades humanas dos mesmos, de alguma forma, possam viver melhor.

O foco deste texto é o espaço geográfico de Ilhéus e Itabuna, através dos mapas, especialmente das duas cidades.

As razões pelas quais este texto está sendo escrito liga-se à importância estratégica que tem o conhecimento geográfico para o

sucesso das pessoas na vida. Ao longo dos séculos, os geógrafos e os cartógrafos possuíam um conhecimento muito valorizado pelos reis e governantes e por essa razão tinham muito prestígio. Muitos geógrafos eram seus conselheiros. Sua valorização estava diretamente ligada a questões de segurança desses reinos. Conhecer o espaço geográfico era ter um tipo de poder e o quem o possuía reunia melhores condições sobre aqueles que não tinham esse conhecimento em casos de disputas comerciais ou guerras.

Hoje, o conhecimento geográfico continua importante. Quem conhece bem o espaço, como uma cidade, uma região ou um país, possui informações muito importantes e poderá ser melhor sucedido, pois terá melhores condições para planejar sua ação. Todo empresário sabe que escolher bem o local em que vai montar seu negócio, ou seja, escolher bem o seu ponto, é muito importante. Se errar nisso, suas chances de fracassar são maiores.

O futuro de uma cidade está muito ligado à sua localização. Por exemplo, Itabuna, por estar localizada num entroncamento rodoviário possui uma posição privilegiada e essa posição lhe dá vantagens sobre ou-

tras cidades quando se trata de definir onde uma empresa vai se instalar. Isto porque a regra é que qualquer empresa procura se instalar onde suas chances de sucesso são maiores. Ilhéus, por exemplo, porque tem um porto, um aeroporto e praias bonitas também reúne condições que o tornam um lugar valorizado. Obviamente, a valorização é mais para alguns empreendimentos do que para outros. Aqui, localização combina-se com a vocação de uma cidade, ainda que essa última não dependa apenas de condições naturais, mas pode ser construída com a criatividade, com apostas estratégicas de desenvolvimento, com trabalho e sobretudo com a educação e qualificação profissional dos seus habitantes.

Em resumo, a Geografia é uma ciência muito útil às pessoas, às empresas e aos governantes. É nossa pretensão fazer com que seu conhecimento, amigo leitor, lhe seja útil também. Ou como nos diz o Geógrafo Milton Santos, gostaríamos que este texto servisse para ampliar o "mundo do cidadão" de Itabuna e de Ilhéus bem como contribuir para esse tornar-se "cidadão do mundo".

Agenor Gasparetto
Professor da UESC

Globalização: Manutenção de um "organograma" mundial

Nos últimos anos, a maior polêmica no mundo, principalmente no debate entre os integrantes das ciências sociais, têm sido as facetas da globalização. Numa constatação empírica, este processo apresenta-se complexo e contraditório onde, contrapondo-se à sua fiel reprodução, surgem discursos os quais atentam para a tomada de novos rumos na busca da implantação de novas projeções para o mundo.

Cabe salientar que este processo de intensa articulação interterritorial tem suas raízes plantadas há alguns séculos e, apenas o termo "globalização" tem seu uso mais recente, lógico, com uma complexidade e feição transformacional muito maior que os processos de "internacionalização" e "mundialização", principalmente devido ao expressivo desenvolvimento tecnológico atual. "A globalização contemporânea é vista antes de tudo como um produto da expansão cada vez mais ampliada do capitalismo e da sociedade de consumo, acarretando uma crescente mercantilização da vida humana, que teria atingido níveis inéditos na história". (HAESBAERT, 1998).

No contexto atual, os países hegemônicos aparecem - fundados num discurso neoliberal -

como principais patrocinadores deste processo, o qual, vem acentuando a fragmentação mundial. Aos países pobres e aos ditos emergentes, através da introdução de políticas comandadas pelos que detêm a hegemonia, é dada a oportunidade de um considerável desenvolvimento tecnológico e limitado desenvolvimento econômico, entretanto não é dada a oportunidade de atingirem ao fórum de decisões mundiais. Isto mostra que a globalização vem promover a manutenção de um organograma (de bases históricas) mundial.

O que vem a ser este organograma? É como numa empresa, na parte mais alta deste quadro estão os que presidem esta "grande empresa" e, abaixo estão os países de menor representatividade nas decisões, numa escala que vai regredindo a cada degrau subsequente. A "presidência", assim como numa empresa familiar qualquer, tende a ser mantida, ao longo dos anos, nas mãos de "integrantes da mesma família", uma vez que toda a política implantada (ou todas as políticas implantadas, neste caso) tratará de fazê-la.

Esta manutenção e uma conseqüente acentuação das desigualdades se farão presentes de maneira bastante explícita. Tomando como exemplo o

território brasileiro e todo o seu conteúdo, é possível avaliar os impactos causados por este processo de fragmentação externo e, conseqüentemente e simultaneamente, interno os quais poderão ser avaliados também numa escala menor de análise. Não querendo me aprofundar neste exemplo vale somente citar que a distância entre pobres e ricos, dentro da sociedade brasileira, aumentou consideravelmente e em todos os sentidos.

Frente a toda essa realidade é que surgem novos discursos atentando para uma nova maneira de se promover a globalização. Uma globalização que pudesse ser menos cruel e mais democrática, mais humana, mais solidária e que pudesse vir a construir não um novo organograma, mas, um novo mundo sem tantas diferenças e, que a todos fossem dadas a mesmas chances. Por fim, a única certeza que se pode ter é que esta é uma tarefa difícil e que não será resolvida de maneira simples. Serão necessárias mudanças radicais no modo de se pensar e de se fomentar - por parte, principalmente, dos países hegemônicos - a globalização.

Edir Marques Figueirêdo Filho
Estudante / Geografia - UESC

ESPAÇO DO LEITOR

DEGRADAÇÃO DO ECOSISTEMA MANGUEZAL EM PRÓ DO SETOR ECONÔMICO

A carcinocultura no Estado do Rio Grande do Norte, como também em alguns outros estados do Nordeste, vem sendo considerada nas últimas duas décadas uma atividade econômica promissora e polêmica, isso devido as alterações ambientais decorrentes da devastação dos manguezais realizada por algumas empresas. O manguezal é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestres e marinho, característicos de regiões tropicais e subtropicais constitui-se um importante recurso natural renovável estando incluídos entre os ecossistemas mais produtivos do mundo (Barros et al, 2000). Contudo a imagem típica dos manguezais, conhecida como berçários ecológicos, rico em nutrientes capazes de garantir as etapas do ciclo biológico, está cada vez mais distante da realidade que estes se encontram atualmente. A transformação acelerada que está acontecendo nesse ecossistema dar-se em virtude de vários fatores entre os quais destacam-se a retirada de madeira, a formação de lixões, a especulação imobiliária, a carcinocultura, entre outros. O trabalho objetivou verificar os impactos sócio-ambientais ocasionados pela carcinocultura na localidade de Barra do Cunhaú, no município de Canguaretama, litoral sul do Rio Grande do Norte. A realização do trabalho obedeceu uma série de etapas: inicialmente realizou-se um levantamento bibliográfico acerca da temática em estudo; em seguida ocorreu visitas *in loco*, nas quais observou-se a dinâmica da atividade; realizou-se registros fotográficos e conversas informais com administradores e trabalhadores das fazendas, bem como, com pescadores nativos. Constatou-se que a substituição das antigas salinas por fazendas de camarão no estuário do rio Curimataú, vem destruindo consideráveis áreas de manguezais; segundo os pescadores os crustáceos encontram-se cada vez mais escassos; os resíduos decorrentes da atividade, de acordo com os administradores passam por um filtro antes de serem lançados ao mar, porém nem todas as empresas obedecem rigorosamente essa norma; a mão-de-obra municipal absorvida na atividade é destinada a trabalhos menos especializados; a equipe técnica advém em grande parte de outras regiões do país, isso resulta no desemprego em massa, já que os pescadores estão perdendo o seu espaço e não são absorvidos pela nova atividade econômica da região. Tendo em vista que o desenvolvimento do camarão marinho no Nordeste brasileiro em especial no município de Canguaretama deu-se principalmente devido as condições físicas ambientais como: temperatura (média anual de 25,6° C), salinidade da água, a considerável reserva de manguezais. Fatores primordiais para instalações das fazendas. Desse modo, faz-se necessário a conservação das mencionadas condições por meio de um gerenciamento a luz da legislação ambiental vigente, no intuito de garantir a sustentabilidade da região. Vale salientar que este problema afeta não só o RN mas outros estados do País, pois essa nova economia está em processo de crescimento por encontrar essas condições citadas e em especial o descaso dos órgãos públicos com o problema em pauta.

Jailsa da Silva Medeiros.
Estudante / Geografia - UFRN

ESSA MERECE SER LIDA

Afinal não é todo dia que um brasileiro dá um esculacho educadíssimo no mando da burguesia americana: Durante debate recente em uma Universidade, nos Estados Unidos, o ex-governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque do PT, foi questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. Um jovem americano introduziu sua pergunta dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro. Segundo Cristovam, foi a primeira vez que um debatedor determinou a ótica humanista como o ponto de partida para a sua resposta: "De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso. Como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, posso imaginar a sua internacionalização, como também de tudo, o mais que tem importância para a Humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço. Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado. Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação. Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas a França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país. Não faz muito, um milionário japonês, decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado. Durante este encontro, as Nações Unidas estão realizando o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldades em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu acho que Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveria pertencer ao mundo inteiro. Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição, milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil. Nos seus debates, os atuais candidatos a presidência dos EUA tem defendido a idéia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida. Começemos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de ir a escola. Internacionalizemos as crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar, que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa."

Rodrigo Cerqueira da Silva.
Estudante / Geografia - UESC



Diretor de Redação: Saulo Rondinelli Xavier da Silva
Editor-Chefe: Reinaldo Martins Lemos
Editores: Reinaldo Lemos; Saulo Rondinelli
Editores Assistentes: Aralí Almeida; Aldmar Rezende
Colaboradores: Rodrigo Cerqueira; Melrisson Pinheiro
Design Gráfico: Marcos Maurício.
Impressão: Gráfica da UESC

Website: www.bigeo.vilabol.uol.com.br
 E-mail: geoilheus@bol.com.br

COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCAA
 Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
 Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16
 CEP: 45.650-000
 Ilhéus – Bahia - Brasil



Localizada entre as cidades de Piranhas, em Alagoas, e Canindé do São Francisco, em Sergipe, a Usina Hidroelétrica de Xingó teve suas obras iniciadas em março de 1987. Mas, em outubro de 1989, o empreendimento foi suspenso por falta de liberação de recursos, sendo retomado apenas em junho do ano seguinte. Para construir esta hidrelétrica, foram usadas as mais modernas técnicas de engenharia que garantiu o máximo cuidado com o meio ambiente.

O primeiro gerador de Xingó começou a operar em dezembro de 1994, e o último, em setembro de 1997, tendo sido acionado à distância, de Brasília, pelo presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.

Navegar pelas águas do rio São Francisco é muito agradável e surpreendente. Próximo a usina de Xingó, no restaurante flutu-

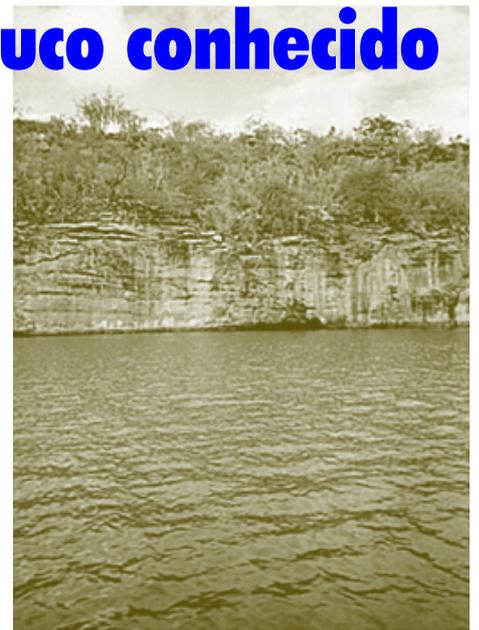
Um paraíso pouco conhecido

ante karrancas, é o ponto de partida do Catamarã, que percorre alguns trechos navegáveis do "Velho Chico".

Neste passeio pode-se constatar as belezas do rio e as formações rochosas, a vegetação não é nada animadora.

Xingó está situada no final do cânion do rio São Francisco, que foi desviado por quatro túneis, cada um com 16 metros de diâmetro. Um dos túneis recebeu uma estrutura especial, que permitiu controlar a vazão, garantindo a jusante um mínimo de 1.200 m³/s.

O reservatório ocupa uma área de 60 Km² e pode armazenar 3,8 bilhões de m³ de água, tornando navegável o trecho entre Paulo Afonso e Xingó, numa extensão de 60 quilômetros. Por estar totalmente encaixado no cânion, o reservatório de Xingó inundou apenas áreas desabitadas e sem exploração agrícola. O impacto ambiental provocado pela construção da usina foi mínimo e apenas vinte famílias precisaram ser reassentadas. Por isso, pode-se dizer que o custo da energia gerada aqui é um dos mais



baixos do país. A chesf reconstruiu a cidade de Canindé do São Francisco, a cinco quilômetros da antiga cidade, cuja área foi ocupada pelo canteiro de obras.

Reinaldo M. Lemos.
Estudante / Geografia - UESC

Como se formou o território brasileiro

Até 1500 essa imensa extensão de terra que constitui hoje o território brasileiro pertencia a diversas nações indígenas que aqui viviam. A partir de então, mudanças profundas provocadas pela colonização vão delinear um novo território resultante de conflitos internos e externos.

A formação do território brasileiro começou no litoral, principalmente no nordeste devido a diversas causas: proximidade com a metrópole, riqueza do pau-brasil e necessidade de proteção da costa contra os invasores. Para que esse território fosse consolidado subjugou-se os índios, transformando-os em escravos ou expulsando-os para o interior, dando início a formação de imensas propriedades que, para se expandir, continuava a expulsar, dizimar ou aculturar os indígenas através dos jesuítas.

Essa colonização que foi baseada no sistema escravista, constituía um empreendimento do capitalismo mercantilista. Foi se expandindo, saindo aos poucos da costa em direção ao interior, deixando suas marcas na devastação da floresta, degradação dos solos, plantações, criação de gados, escravidão de africanos e índios. Fez o território expandir em direção ao sertão, sendo o gado a opção econômica mais favorável. As entradas e bandeiras prestaram uma contribuição sem igual na expansão territorial, as bandeiras principalmente, que penetravam nas profundezas das florestas a procura de índios, drogas, ouro e disseminavam a violência contra os nativos. Foi assim que lugares distantes como a Amazônia foi incorporado ao Brasil. Essa expansão foi atingindo áreas cada

vez mais afastadas, chegando as terras do sul e centro-oeste, ao mesmo tempo que o litoral continuava objeto de exploração atingindo áreas antes não denominadas.

Durante todo esse período a dificuldade de locomoção era grande, os núcleos urbanos incipientes, sendo o cultivo da cana e a fabricação do açúcar a atividade mais lucrativa, voltada para exportação e mão-de-obra escrava, havia também uma agricultura de subsistência, além da criação de gado, principalmente na região semi-árida do nordeste e na região sul e centro-oeste.

Durante os séculos seguintes, a expansão territorial do Brasil continuou, havendo a preocupação com a delimitação de fronteiras e ocupação de áreas antes visitadas, porém praticamente sem povoamento, para isso é estimulada a ida de emigrantes para o sul, êxodo do nordeste para a Amazônia, cujo povoamento se dará em áreas próximas aos rios. Na região sudeste a expansão do culti-

vo do café para o oeste e também para o norte do Paraná permite o povoamento dessas áreas, chegando até o centro-oeste que será povoado através da expansão da fronteira agropecuária e as áreas marginais também são ocupadas.

O tamanho do território brasileiro é o resultado de séculos de atuação de atores internos que em busca de novas áreas para cultivar ou criar gado, assim como procurar riquezas minerais, índios para escravizar, recuperar escravos fujões, encontrar as famosas drogas do sertão, ou até mesmo o espírito aventureiro dos colonizadores. Também políticas governamentais de isenção fiscal, construção de estradas e portos que facilitam o escoamento da produção e circulação de pessoas. Há também as causas externas como as lutas com vizinhos e outros estrangeiros na demarcação das fronteiras.

O Brasil é um país gigante, seu território é colossal sendo produto da dizimação dos índios, aniquilamento dos paraguaios, humilhação dos africanos, mas também fruto do trabalho de muitos anônimos que lutaram bravamente pela formação e consolidação do território. Esse território continua hoje ameaçado por organismos internacionais que ambicionam principalmente a Amazônia. Mas, há também as ameaças da fome, da violência, da Concentração de renda, da política agrária concentradora. Esses são alguns dos monstros que temos de enfrentar para sermos grandes não apenas territorialmente, mas também uma nação forte e autônoma.

Gizélia Bertoldo Maciel.
Estudante / Geografia - UESC



A mundialização do estado-nação segundo o capitalismo

Quando da transição do feudalismo para o capitalismo, o trabalho auto-suficiente dos artesãos foi substituído pelo trabalho mecânico e estes, passaram a condição de simples trabalhadores para a reprodução do capital. Começava aí o embrião para o que hoje se chama de mundialização das finanças, dos espaços, das empresas, etc.

Com o advento da tecnologia, grandes empresas detentoras de grande volume de capital passaram a ter acesso aos mercados dos "quatro cantos" do planeta. Desta forma, grandes somas de dinheiro são transferidas de um país para outro num simples apertar de uma tecla. Multinacionais

"engolem" aquelas empresas que não têm condições de competir no mercado mundial, criando-se mega-fusões e fazendo com que essas empresas dominem o mercado mundial. O Espaço-nação perdeu a sua identidade, abriu-se a um mercado único. Segundo a lógica do capitalismo, as mercadorias, serviços, capitais e as pessoas têm que circular sobre mercados livres, sem fronteiras, não importando as condições sociais, políticas e históricas, o importante é o mercado. Hoje quem não tem condições de competir, está fora do mercado de trabalho. Ganha quem se adapta aos novos tempos, ou seja, segue as normas

do capitalismo.

Previu Marx que o final do capitalismo seria a concentração deste nas mãos de poucos e é o que estamos presenciando atualmente. Um novo panorama mundial começa a se desenhar e a parte excluída deste capitalismo algoz começa a se manifestar. Prova disso é o recente atentado aos símbolos maiores da globalização: as torres do World Trade Center e ao Pentágono, localizados no seu maior anfitrião, os Estados Unidos. Talvez seja o prenúncio do seu fim.

José Raimundo Cruz.
Estudante / Geografia - UESC



A Solidariedade.

Quando se diz que a fé remove montanhas, na verdade, é quando se conta com o poder de Deus e com o querer do homem, e isso eu, de uma forma ou de outra, pude vivenciar.

A todos os mestres, colegas e amigos, o meu reconhecimento e os meus agradecimentos.

Saulo Rondinelli

PRO' SEGUIMENTO.

Pedimos desculpas pelo atraso na publicação desta edição por motivos de saúde do Diretor de Redação do BIG, mas agradecemos em primeiro lugar a Deus, agradecemos também aos nossos colegas, professores, familiares e amigos, que foram fundamentais para a recuperação de nosso colega.

PARABÉNS! PARABÉNS!

Você que sai, você que chega. Para quem sai, a saudade a consciência de um dever cumprido, mas a luta não acabou, mesmo porque o homem é um eterno aprendiz. Para quem chega, o nosso abraço e nossos sinceros votos de boas vindas.

RECRUTAMENTO

Estamos convidando alunos e professores que queiram participar no planejamento e organização do I Fórum de discussão sobre Milton Santos e a Geografia, previsto para o encerramento deste semestre.

EREGENE

Foi realizado na cidade do Recife-PE, entre 15 e 18 de novembro de 2001, no colégio Santos Dumont, o XVIII Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Nordeste - EREGENE. Um encontro, cuja finalidade é unir o que há de melhor em toda região nordestina, em se tratando de geógrafos, sejam graduandos ou profissionais. O EREGENE acontece anualmente e

a UESC se fez presente em mais um, com uma delegação de 23 alunos, que participaram de todas as atividades oferecidas, como mesas-redondas, debates, palestras, mini-cursos, apresentações de trabalhos, e também, o lazer, que cada delegação fazia à seu modo.

Reconhecemos que existiram alguns imprevistos na realização da viagem, porém, se houvesse a participação efetiva de todos os alunos do curso, seria uma delegação maior e, conseqüentemente, uma organização mais eficaz.

Por isso, ainda nesta nota, o CAGEO apela informando que vai acontecer o XIX EREGENE em São Luís do Maranhão, em novembro, e em julho o XIII Encontro Nacional de Geógrafos - ENG, em João Pessoa-PB. E para não haver patrocínios "furados" como houveram para Recife, logo avisa aos que querem participar, que entre em contato com o CAGEO, e será informado como o CAGEO planeja a ida para esses dois eventos.

E-mail: cageo@uesc.br

GEO-CAÇA-PALAVRAS

V	E	N	T	O	S	U	L	M	J	Q	X	U	V	L
E	B	Y	N	S	É	P	A	R	A	G	I	E	O	P
T	A	I	C	I	S	I	N	Ó	T	I	C	A	S	U
U	L	T	B	G	V	K	M	L	P	D	B	F	R	P
R	J	C	S	S	V	S	I	E	D	A	T	I	V	Q
C	R	J	E	Q	C	F	É	N	G	I	F	Y	W	U
A	Y	J	A	I	H	N	N	R	E	G	B	W	V	O
G	D	U	M	M	E	K	Í	Q	W	R	I	B	B	U
E	D	H	D	R	K	C	D	P	T	E	R	M	N	A
O	B	G	I	L	O	S	H	Q	D	I	M	C	E	I
U	S	M	M	L	M	O	B	S	X	T	D	O	M	M
M	Q	Y	A	I	E	P	O	H	L	A	V	R	O	G
H	P	P	T	X	I	O	K	A	R	M	N	J	Q	D
S	N	Q	T	X	H	E	Y	M	G	A	F	Q	Y	H
N	E	V	O	E	I	R	O	E	D	W	S	H	J	Q

- ✗ que é relativo a agricultura;
- ✗ Canal natural, estreito, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e o continente;
- ✗ Que de um só golpe de vista abrange várias coisas, nome dado ao tipo de estação que realiza observações padronizadas internacionalmente, para previsão do tempo;
- ✗ Nebulosidade que se forma nas camadas inferiores da atmosfera, próximo ao solo, constituída de grande número de gotículas de água em suspensão no ar, do que resulta ficar muito reduzida a visibilidade;
- ✗ Condensação de vapor de água atmosférico sobre uma superfície sólida; umidade da atmosfera, que se condensa (principalmente durante a noite) e se deposita, em forma de gotículas, sobre qualquer superfície fria;
- ✗ Entidade de base do movimento estudantil que tem como finalidade representar os estudantes de Geografia, dentro e fora da UESC;
- ✗ É o movimento do ar em relação a superfície terrestre. É gerado pela ação de gradientes de pressão atmosférica, mas sofre influências modificadoras;

Respostas do Geo-Caça-Palavras anterior (ano I; n.º 02):

Epícentro; Erosão; Coriolis; Frente; Maré; Rotação; Latitude; Barômetro; Umidade; Isoietas.